

Complexos Culturais e Liberdades Civis

JOSÉ ALÍPIO GOULART

CAPÍTULO I — 1. *Legado indígena*. 2. *Contribuição do negro africano*. 3. *Herança Portuguesa*.

1. LEGADO INDÍGENA

O LEGADO indígena para a formação cultural brasileira foi grande e muito importante. Muitos dos elementos que integram a nossa cultura contemporânea vieram das tribos indígenas que se espalhavam pelo interior e pelo litoral do Brasil, notadamente das que se encontravam localizadas na faixa litorânea e que foram as primeiras a travar encontro com gentes e cultura lusitanas. Esse contato fez com que muitos complexos da cultura indígena permanecessem ornando a formação culturalística do Brasil e chegando até nossos dias.

Inicialmente podemos mencionar a linguagem como um dos elementos mais preponderantes da cultura indígena; para justificar essa afirmativa basta verificar como o português falado no Brasil está eivado de termos de origem indígena principalmente oriundos do "tupi", usado na costa e conhecido como "língua geral". A assimilação, por parte do português, da linguagem falada pelo índio brasileiro possibilitou essa integração que hoje tanto enriquece o idioma nacional.

Sua cultura material era constituída em grande parte pela prática da agricultura onde obtinham os elementos indispensáveis à sua alimentação. Cultivavam a mandioca, o milho, a batata, o amendoim e outros produtos da terra; porém, como não conheciam nenhum processo de preservação e adubagem do solo, viam-se compelidos a freqüentes e contínuas mudanças. Há, ainda, a variação do tipo de habitação, ora quadrada, ora retangular, sendo as casas construídas de folhas de palmeira. Quem viaja pelo interior do Brasil encontra freqüentemente esse tipo de habitação embora um tanto modificado. O uso da rede para dormir; da canoa para atravessar e viajar em rios e lagoas, são outros tantos elementos culturais que conservamos e que nos foram legados pelos indígenas, assim como o fabrico de cestos de palha de coqueiro; o uso do tabaco; a gamela; o côco de beber água, a pesca à linha e a anzol; a arapuca para caçar passarinhos; o hábito de tomar banho em rio; descansar de cócoras; andar de pés descalços, etc.

Elemento valioso da fixação da cultura material indígena foi a mulher gentia. Dela, diz Gilberto Freire em "Casa Grande & Senzala":

"Por seu intermédio enriqueceu-se a vida no Brasil, como adiante veremos, de uma série de alimentos *ainda hoje em uso*, de drogas e remédios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um conjunto de utensílios de cozinha, de processos de higiene tropical — inclusive o banho freqüente ou pelo menos diário, que tanto deve ter escandalizado o europeu porcalhão do século XVI."

"Ela nos deu ainda a rede em que se embalaria o sono ou a volúpia do brasileiro; o óleo de côco para o cabelo das mulheres; um grupo de animais domésticos amansados pelas suas mãos.

Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O *brasileiro de hoje*, amante do banho e sempre de pente e espelinho no bôlso, o cabelo brilhante de loção ou de óleo de côco, reflete a influência de tão remotas avós." (grifos nossos)

E quando sabemos que foram essas mulheres que se amancebaram com os primeiros colonizadores aqui chegados; que com êles tiveram filhos; e que formaram a base da família brasileira, então compreendemos mais claramente como êsses e outros complexos culturais atravessaram o tempo...

"Aos índios *deve a nossa gente atual*, especialmente nas paragens em que mais cruzaram, como é o caso no centro, norte, oeste e leste e mesmo sul do país, muitos dos conhecimentos de pesca, várias plantas alimentares e medicinais, muitas palavras da linguagem corrente, muitos costumes locais, alguns fenômenos da mística popular, várias danças plebéias e certo influxo na poesia anônima, especialmente no ciclo de "romances de vaqueiros", muito corrente na região sertaneja do norte, na famosa zona das secas, entre o Paraguaçu e o Parnaíba, a velha pátria dos Cariris." (grifo nosso).

Nesse pequeno trecho do "Compêndio de História da Literatura Brasileira" — citado por Manoel Diégues Junior na sua publicação intitulada "Etnias e Culturas no Brasil", — Silvio Romero e João Ribeiro sintetizaram a participação indígena na vida cultural brasileira, de modo concreto, todavia verdadeiramente sedutor para um estudo mais amplo e acurado dessa participação.

2. CONTRIBUIÇÃO DO NEGRO AFRICANO

A rigor, esta parte deveria vir depois da que a precede porque o negro foi um produto importado da África para o Brasil, pelo português, quando a expansão colonial fez sentir a necessidade do braço escravo para os trabalhos de eito, coisa que o nosso índio jamais se submeteu a não ser pela força.

A contribuição do negro africano na formação cultural brasileira está hoje em dia sobremodo caracterizada através dos estudos procedidos por Nina Rodrigues, na Bahia, Artur Ramos, que modernizou e difundiu o trabalho daquele, e Gilberto Freire com o seu capítulo sobre o negro escravo no livro "Casa Grande & Senzala". Outros autores contribuíram com enorme parcela de trabalhos sobre o africano no Brasil, sua cultura e sua contribuição à formação cultural brasileira. Dentre estes podemos citar Luiz Viana Filho, Nelson de Sena, Edison Carneiro, Dante Laytano, e outros.

Apesar de sua expansão por quase todo o território brasileiro é no Estado da Bahia onde atualmente se encontra a maior fonte de usos e costumes deixados pelos negros no Brasil. No vestuário e na alimentação, — principalmente — os resíduos culturais dos negros são abundantes.

O uso das saias rodadas, do pano da costa, o torso triangular na cabeça, os ricos colares e braceletes de ouro cobrindo os braços até ao meio, ou quase todo, os "balangandãs" e as figas. As saias rendadas e as sandálias curtas chegando somente até o meio do pé.

No que concerne a alimentação, diz Nina Rodrigues: "grande é o número de pratos ou iguarias, de reputação feita, tomados aos negros, embora hoje muito alterados na sua simplicidade primitiva". Dentre os de maior reputação, temos: o "vatapá" preparado com arroz em pó, camarão pisado, ou galinha, carne ou peixe, e grandes doses de azeite de dendê, e pimenta; o "caruru", espécie de sopa grossa de quiabo onde entram os demais ingredientes do vatapá excetuando o arroz em pó; o "acarajé", bolos de feijão branco ou amarelo, ralado com pimenta e frito no dendê; e, ainda, o "abará", o "mungunzá", o "acaçá", o cuscus, etc.

As danças, por sua vez, ainda hoje são revividas nos "maracatus" em Alagoas e Pernambuco; na "dança do tambor" no Maranhão; nos "candomblés e batuques" na Bahia, inclusive o "samba", dança tão comum no Brasil, cuja origem é essencialmente negra. A propósito transcrevemos um trecho publicado no "Jornal de Notícias", da Bahia, de 12 de fevereiro de 1901:

"A polícia que, para acabar com o pernicioso brinque do do entrudo, procurou vulgarizar a festa de Momo entre nós, não poderá, do mesmo modo, regularizá-la, e evitar que ela nos ponha abaixo do nível social em que estamos? Demais, se o candomblé e o samba são proibidos nos arraíbalde e nas praças, como hão de campear dentro da cidade em um dia festivo como o do Carnaval?" (o grifo é nosso).

Da música sobra-nos hoje o uso do "tambor", do "canzá", do "apito" da "cuíca", do "birimbau", e sobretudo o barulho ensurdecedor provocado pelos conjuntos instrumentais e cânticos estridentes que era uma característica dos negros e que hoje se nota com tanta frequência nas festas carnavalescas. Sobre esse aspecto, ainda o "Jornal de

Notícias", de 15 de fevereiro de 1901, fazia o seguinte comentário:

"Começaram, infelizmente, desde ontem, a se exhibir em *algazarra infernal*, sem espírito nem gosto, os célebres *grupos africanizados* de canzás e búzios." (grifos nossos)

Também, por outro lado, a melancolia de certos trechos musicais nossos, tão em voga atualmente, refletem o ritmo dolente e saudoso das canções entoadas pelo negro escravo quando no coração lhes apertava a saudade da pátria e da família distantes e perdidas...

Diz Nina Rodrigues que "na escultura, porém, é que com mais segurança e apuro se revela a capacidade artística dos Negros". De fato é apreciável a obra deixada pelo negro no terreno da escultura, de modo geral mais influenciada pelas crenças religiosas cujos deuses e culto sempre serviram de tema e ofereceram motivos mais valiosos como fonte de inspiração para os rudes artistas negros. Várias figuras do culto Gêge-Jurubano, de Yemanjá, de Ochês, de Changô, de Ochum, além de outras peças como tronos, cofres, animais, etc., enriquecem os nossos museus.

Para alguns autores os negros chegados ao Brasil provinham em grande parte de raças inferiores o que para nós constitui julgamento precipitado e errôneo. Antropologicamente está hoje provado que não existe "raça inferior". Todos os antropólogos são unânimes em asseverar, depois de severos estudos e conclusões definitivas, que as provas biológicas mais elementares demonstram que as variedades humanas existentes pertencem à mesma e única espécie. Ralph Linton, no seu livro em versão mexicana intitulado "Estudio del Hombre" diz:

"Aunque prescindamos de las pruebas aportadas por la hibridación, es incontestable el hecho de que todos los seres humanos pertenecemos a la misma especie."

Com relação ao negro, então, essa concepção de superioridade do branco de há muito foi condenada. Vejamos o que sobre o assunto diz Gilberto Freire em "Casa Grande & Senzala":

"Aliás na inferioridade ou superioridade de raças pelo critério da forma do crânio já não se acredita; e esse descrédito leva atrás de si muito do que pareceu científico nas pretensões de superioridade mental inata e hereditária, dos brancos sobre os negros."

Também na opinião expressa pelo Professor Franz Boas em sua obra intitulada "The Mind of Primitive Man" o negro sempre apresentou entre outros traços superiores "considerável iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação e aptidão técnica e econômica." Há que se considerar também outros traços de evolução racial apresentados pelo negro, como sejam: a escassez de pelos, a grossura dos lábios, etc.

Manoel Diégues Junior em "Etnias e Culturas no Brasil" é que explica bem o estado psicológico do elemento negro que aportou às plagas brasileiras. Diz êle:

"Foi sobre o regime escravagista que o negro entrou no Brasil, o que desde logo caracterizou sua situação; o

que passou a participar da formação brasileira não foi puramente o negro da África, mas o negro escravo."

E mais:

"Em virtude desta situação de escravo, com sua cultura deturpada ou se não perturbada, é que se considerou o negro um elemento inferior; não somente uma etnia como também uma cultura inferior. Como raça inferior sempre foi olhada e encarada, negando-se-lhe, entretanto, a existência de condições sociais e culturais bem significativas. Condições essas, em grande parte, já reveladas no seu "habitat" nativo, em várias atividades, mas estranguladas ou asfixiadas em sua vida de escravo e como escravo não raro afastado de sua família, de seu ambiente, de seus companheiros de grupo étnico e cultural."

Aí está, portanto, a explicação clara e inofensível daquilo que para alguns pareceu inferioridade racial. O que de fato se verificou foi a ação depreciadora da escravatura sobre a personalidade do negro anulando e impedindo a exteriorização de atividades e conseqüentemente turbandando sua cultura.

3. HERANÇA PORTUGUÊSA

A transplantação de cultura que o português realizou no Brasil ao aqui fixar-se como colono foi fundamental para a formação cultural brasileira. Radicando-se no Brasil, o português trouxe consigo não só a variação étnica, por ser um grupo mesclado de várias origens, inclusive de mouros e judeus, como também proporcionou complexos culturais bastante heterogêneos. Isto se explica. Na época da colonização do Brasil, Portugal estava no auge de sua expansão marítima e comercial com o que atraía para si a atenção e o interesse dos povos europeus. Ao iniciar a exploração econômica do Brasil com a extração do pau brasil e com a produção do açúcar fêz ocorrer para as plagas brasileiras elementos de vários graus sociais e nacionalidades diferentes, conseqüentemente, portadores de variado elemento cultural.

Do português herdamos a língua como também a formação da família que constitui a base de nossa organização social; do lusitano nos ficou ainda o tipo de habitação; o traje; os meios de transporte; a culinária e o mobiliário; a arte; o contorno das cidades e vilas; as instituições administrativas, sociais e morais e uma porção de outros complexos culturais, inclusive de ordem política. "Fundamental, pois, se constituiu para a formação brasileira a contribuição do lusitano" como bem diz Diégues Junior.

A fácil assimilação por parte do gentio dos usos e costumes trazidos pelos portugueses, em grande parte devido à aceitação imediata e fácil do invasor por parte da nativa, no terreno sexual, tornou possível a realização de uma transculturaçã integral que se foi fixando e aumentando à medida que novas levas de portugueses para aqui se transportavam em busca das riquezas da terra tão propaladas nas cartas de Caminha e outros.

Vejamos o que diz Gilberto Freire em "Casa Grande & Senzala" sobre essa aceitação que a mulher brasileira ofereceu ao invasor:

"Por sua vez o invasor pouco numeroso foi desde logo contemporizando com o elemento nativo: servindo-se do homem para as necessidades de trabalho e principalmente de guerra, de conquista dos sertões e desbravamento do mato virgem; e da mulher para as de geração e de formação de família."

E mais adiante:

"O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. *As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.*" (grifo nosso)

Como se verifica das afirmativas de Gilberto Freire a aceitação por parte da mulher foi integral e imediata o que proporcionou, como era natural, fácil transplantação da cultura portuguesa, pois, morando na mesma habitação, adorando o invasor como um deus mais que como homem, a nativa foi assimilando rapidamente usos, costumes, hábitos e outros elementos culturais, inclusive a língua.

Logo em seguida veio o africano. Esse elemento étnico trouxe também sua cultura; porém, como foi dito antes, a influência da escravidão não só deturpou essa cultura como impingiu ao negro a aceitação da cultura transplantada pelo português, e que o africano absorvia na lavoura, nos engenhos de açúcar, nas cozinhas das casas grandes, nos currais e em tudo mais.

Deixamos de fazer maiores comentários sobre os vários complexos culturais trazidos pelo português para o Brasil porque seria alongar de muito esse capítulo para falar de coisas que persistem vivíssimas já agora no "ethos" dos brasileiros.

Não foi só da contribuição do índio, do africano e do português que se compôs e se compõe a cultura brasileira. E' preciso não esquecer que também concorreram com boa dose de transculturaçã o francês, o italiano, o alemão, o espanhol, o japonês e outros. Embora com participação bem menor que a daqueles, estes grupos étnicos alienígenas, mais uns menos outros concorreram, todavia, com parcelas que se fixaram definitivamente, embora só a partir do século XIX essas correntes imigratórias tomassem vulto. Dois acontecimentos contribuíram decisivamente para maior intensidade da imigração branca e livre: a abertura dos portos e depois a paralisação da entrada do negro escravo.

Apresentamos neste primeiro capítulo um rápido esboço dos primórdios da nossa formação cultural por nos parecer que essa formação e os novos elementos que a ela vieram posteriormente se juntando muito contribuíram para o estado de coisas que constituirá o assunto do 2.º capítulo deste despretensioso trabalho.

CAPÍTULO II — 1. A organização primeira. 2. Reasfixiamento das liberdades civis. 3. Conclusões.

1. A ORGANIZAÇÃO PRIMEIRA

Pouco tempo depois de iniciada a colonização já se encontram formados, organizados e distribuídos pelo território brasileiro grandes grupos sociais: os clãs.

Devido ao sistema das sesmarias, os grandes senhores viram-se possuidores de extensas porções de terras, onde assentavam os alicerces da casa grande e passavam a exercer poder absoluto e integral sobre tudo que “desse” e “vivesse” dentro dos limites do seu feudo. Esses senhores, munidos de carta régia, que lhes outorgava algumas centenas de chãos, sentindo-se possuidores de grande força representada pelos serviços prestados à coroa, pela grande propriedade humana de que eram donos, e pela riqueza agrícola ou pastoril que possuíam, tornaram-se grandes latifundiários e estabeleceram o sistema de núcleos estanques dentro dos quais só uma lei e um direito prevaleciam: a vontade do chefe.

Com esse poder sobre tudo que os rodeava, estabeleceram dentro dos seus domínios uma organização social inteiramente subordinada ao seu arbítrio irrestrito e irrecorrível, a que se subordinava todo o elemento humano que o rodeava.

Ao estabelecer-se a organização administrativa “legal” em toda a colônia deu-se o choque inevitável entre a autoridade natural e a autoridade constituída. Esta não compreendia e nem admitia aquela, advindo daí o conflito entre ambas que terminou por desarticular e liquidar os clãs e asfixiar o sistema feudal. Essa luta, entretanto, foi demorada e teve seus aspectos trágicos, pois, a desorganização organizada das hostes administrativas governamentais a par de um conceito errôneo, arbitrário e desonesto, de autoridade, servia para fortalecer cada vez mais o poder dos grandes senhores pela segurança e defesa que os feudos ofereciam, em parte, contra as irregularidades e a coesão das autoridades atrabiliárias encarregadas de aplicar a lei. Só à força da força fornecida pela coroa ao seu representante na colônia foi possível a êste a vitória sobre aquêles.

A partir daí passou então o povo a sofrer a ação direta daquelas autoridades que, montadas no poder recebido da metrópole para exercer uma força administrativa organizadora e moralizadora, desvirtuavam essa finalidade entrando pelo terreno da desordem e da corrupção, submetendo o povo a um sistema de autocracia absoluta e concedendo-lhe um único direito: o de não ter direitos.

Os aparelhos de justiça são meros instrumentos de obediência, sem autoridade nem personalidade, sempre prontos a satisfazer os desejos oriundos do alto e por sua vez usando suas atribuições para implantar a vindita, a perseguição legalizada,

o enxovalhamento. Não há respeito à pessoa física, ou jurídica, nem à propriedade e nem a coisa alguma. A extorsão se expande de forma avassaladora, a rapacidade domina incentivadas pelo sistema de arrendamento de cargos públicos.

Os juizes, eleitos pelas populações locais, traziam o ferrete do grupo que o elegera contra o qual não exercia sua autoridade nem prerrogativas; muito ao contrário, passava a ser elemento de vindita dos candidatos e dos caudilhos rurais de quem mereciam confiança, e à custa dos quais corra a “compra” dos votos que o elegera a si próprio. Era um juiz de facção, um “instrumento de impunidade ou o instrumento da vingança, conforme tem diante de si um amigo ou um adversário”, no dizer de Oliveira Viana.

Da mesma forma age o aparelho policial. Sob a orientação e chefia de capitães-mores, eleitos pelo povo da localidade e escolhidos entre os principais do local o que os torna homens de facção servindo a determinado grupo.

E assim são as demais autoridades com jurisdição sobre o povo sejam elas administrativas, policiais, militares, judiciais.

Diante desse estado de coisas a revolta popular crescia dia a dia contra a desorganização e o abuso do poder público.

2. REASFIXIAMENTO DAS LIBERDADES CIVIS

Com o advento do Império a situação começou a tomar novo rumo no sentido da ordem e da legalidade. Alguns atos e reformas vieram reduzir a ação onipotente dos potentados e dos grupos locais diminuindo, gradativamente, os desmandos e as opressões até então operantes. “E as liberdades civis do homem-povo estavam sendo, pouco a pouco, asseguradas.”

Eis que, com a Constituição de 91 — “estadualizando a magistratura e criando as oligarquias — representou indiscutivelmente um passo atrás, um verdadeiro regresso neste sistema de garantias das liberdades privadas, que o Império estava lentamente organizando” (Almir Marcos Madeira), que, não fôra a instituição do *Habeas-corpus*, teria perecido de vez. Mesmo assim, grande parte dos vícios e cacoetes de outrora voltaram a imperar com a presença dos juizes e delegados sob a égide e obediência de facções políticas locais.

Retrocedemos, pois, a um sistema que já dera mostras de sua inconveniência, apenas por queremos copiar organizações alheias, que se apresentam em completo desacôrdo com a nossa formação social e política. E o pior é que nada fizemos para que estas organizações pudessem surtir efeito dentre nós, como seja: educando o povo e dando-lhe uma consciência individual e política. Também nenhum trabalho de adaptação foi encetado no sentido de extrair da organização importada elementos subsidiários para um trabalho que de fato consultasse os interesses do povo brasileiro.

Persistimos no velho sistema das oligarquias retendo em suas mãos o pensamento do homem-povo e este continuou alheio, desinteressado e vazio, sem nenhuma expressão, subjugado pelas correntes partidárias, à mercê das invectivas contrárias, e sem nenhuma garantia no uso de suas liberdades fundamentais que continuam sendo letra morta nos textos legais, constituindo, apenas, motivos para tiragens demagógicas, por parte daqueles que menos as respeitam.

Assim é que vive o homem-povo sob o jugo do coronelato, do chefe político, do "juiz nosso" e do "delegado nosso", sempre ameaçado na sua liberdade de pensar, de agir, acorrentado a interesses pessoais que não próprios.

E o eleitor, depois de votar, toma uma cachaca, come um churrasco à guisa de agradecimento do candidato e volta à sua faina diária sem a mínima consciência do ato que praticou, sem nenhum interesse pelos altos destinos da nação, mas absolutamente tranqüilo pela prova de lealdade e dedicação ao chefe, que acabou de dar, e que lhe soa como ação patriótica, pois essa foi a sensação que incutiram na sua ignorância cada vez mais nutrida e mantida pelos grupos interessados.

E' a democracia sem opinião. Sem esta base vital que é a consciência do eleitor. Sem a sua essência primordial que é o respeito pelas liberdades individuais. Sem a sua característica maior que é o acatamento da vontade soberana do povo.

Passado o período limitado da pré-eleição, retorna o homem-povo ao seu anonimato, completamente desconhecido dos poderes constituídos.

Diz Oliveira Viana, no prefácio do seu livro "O Idealismo da Constituição":

"No Brasil, o problema fundamental da organização democrática não pode ser este, não pode ser o mesmo da América e da Europa. O nosso problema político fundamental não é o problema do voto — e sim o problema da organização das fontes de opinião. Temos que suprir pela ação consciente do indivíduo e do Estado, e até onde fôr possível, aquilo que a nossa evolução histórica ainda não nos pôde dar: estrutura, organização, consciência coletiva."

Aí está, retratado, em poucas palavras, o verdadeiro problema fundamental da organização nacional.

"Há cem anos, não têm feito outra coisa senão organizar o voto, preparar o voto e... corromper o voto." (Oliveira Viana — Ob. citada).

Na verdade nos falta estrutura, organização, consciência coletiva, como disse Oliveira Viana. E' que na realidade nunca houve a preocupação de se preparar o povo para o exercício de uma

democracia "de fato". Sempre nos preocupamos em transplantar o que foi feito pelo europeu ou pelo americano embora em absoluta contra-indicação com a nossa formação e realidade político-social.

A questão não é procurar um regime que disfarçadamente pareça atender ao "status" brasileiro; o problema é estruturar e organizar as fontes de opinião no sentido de se exercer um regime democrático na justa acepção do termo.

Para isso, é preciso, antes de mais nada, educar as "massas", dar-lhes uma consciência que vá do indivíduo ao coletivo. E para isto é imprescindível, básico, fundamental, que se comece por respeitar as liberdades civis que todo homem faz jus para que, diante disso, ele se compenetre do seu valor cívico, da sua dignidade como cidadão, de sua responsabilidade pelo bom ou mau destino de sua Pátria, e possa, de sã consciência, *selecionar valores reais* para as altas funções políticas e administrativas do Estado.

3. CONCLUSÃO

Explicamos, agora, porque iniciamos o presente trabalho com um rápido esboço dos complexos culturais que nos legaram o índio, o africano e o português.

Quer queiramos quer não, muito que aí está na realidade nacional presente, é produto daqueles complexos. Ainda somos um povo e uma sociedade muito jovens para poder libertarmo-nos ou modificar a herança cultural que recebemos. Apenas a temos deturpado, porque as condições hoje são diferentes e continuamos presos a certos resquícios de que já nos deveríamos ter libertado.

Na passividade e na acomodação do brasileiro atual, há muito do índio submisso, que aceitou o invasor de braços abertos, e do negro escravo cujo sangue ainda nos corre quente nas veias. Na falta de estrutura e de ordem contemporânea, revive o português desorganizado e pachorrento que para aqui se transportou apenas para buscar ouro e pedras preciosas.

Quando hoje o brasileiro se acocora na beira da estrada ou à porta da choupana, fumando seu cachimbo de barro e deixando o mundo rodar, é o nosso índio que ali está. Quando faz a sua roça e só volta a replantá-la depois de consumir o produto da primeira colheita, é o índio que ali está. Quando recebe o voto da mão do chefe para depositar na urna, em retribuição a um par de botinas ou a uma calça, é o índio se entregando por um

caco de espelhos ou pente, é o negro escravo e submisso cumprindo a ordem do senhor que ali está. Quando rebola, canta e grita nas festas carnavalescas, é ainda o negro escravo que procura iludir-se como nos velhos tempos dos terreiros e das senzalas. Quando se mostra desinteressado pelos problemas coletivos, pelos destinos da Pátria, é o português personalíssimo cuidando só de si. Quando se apresenta ávido de posição e riqueza, sem nenhum sentimento patriótico, é o português à cata de ouro e pedras para enriquecer e voltar à santa terrinha. Quando procura buscar lá fóra coisas que não condizem com o nosso mundo interno, é ainda o português querendo implantar no seio da mata virgem o esplendor da côrte lisboeta. Quando se julga senhor das terras e das gentes, é a herança das sesmarias e dos latifúndios.

No dia em que tiver estruturada e organizada a opinião coletiva; no dia em que houver consciência do valor individual; quando o brasileiro contar asseguradas suas liberdades civis, não mais haverá “juiz nosso” nem “delegado nosso” e nem “candidato nosso”.

Enquanto permanecer como está, o Brasil será sempre um prisioneiro de si mesmo.

BIBLIOGRAFIA

- Etnias e Culturas no Brasil* — Manoel Diégues Junior.
Casa Grande & Senzala — Gilberto Freire.
Curso de Sociologia — 1952 — F.G.V. — Marcos Almir Madeira.
Os Africanos no Brasil — Nina Rodrigues.
A Organização Nacional — Alberto Tôrres.
Populações Meridionais — Oliveira Viana.
O Idealismo da Constituição — Oliveira Viana.